

A guerra de Putin

Biden permitirá que Ucrânia use armas dos EUA para atacar Rússia

Autorização restringe ataques a instalações militares dentro do território russo usadas para bombardear Kharkiv

Edward Wong
THE NEW YORK TIMES / WASHINGTON

O presidente americano, Joe Biden, decidiu permitir que a Ucrânia ataque alvos dentro do território da Rússia com armas fabricadas pelos EUA. O objetivo é neutralizar os ataques russos na área de Kharkiv, a segunda maior cidade ucraniana. A informação foi dada ontem por altos funcionários da Casa Branca.

A decisão segue semanas de discussão entre americanos e ucranianos, depois que a Rússia iniciou um grande ofensiva contra Kharkiv, perto da fronteira russa, no nordeste da Ucrânia. O Exército da Rússia tem castigado os arredores da cidade com artilharia pesada e mísseis disparados ou lançados de dentro de seu território.

PRESSÃO. Os ucranianos vinha pedindo que os americanos lhes dessem maior margem de manobra na defesa de Kharkiv, de acordo com funcionários do governo americano. A permissão de Biden é vol-



Veículos militares circulam em Kiev: pressão para que EUA autorizem uso de armas contra Rússia

tada exclusivamente para a Ucrânia atacar alvos militares na Rússia, principalmente as bases usadas para bombardear a cidade.

Um alto funcionário americano em Washington afirmou que a decisão não significa que Biden alterou a política de proibir a Ucrânia de usar armas fabricadas pelos EUA para ataques "de longo alcance" dentro da Rússia.

Na quarta-feira, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, disse durante viagem oficial à Moldávia, que os EUA pretendiam "adaptar e ajustar" essa política às condições

do campo de batalha. A declaração de Blinken foi em resposta a uma pergunta sobre o uso de armas americanas para atacar alvos dentro da Rússia.

ESTRATÉGIA. Foi a primeira vez que um alto funcionário do governo americano sugeriu que decisão estava sendo analisada pela Casa Branca e um indicio claro de que Biden estava a ponto de dar sinal verde para os ucranianos. "Vamos nos certificar de que a Ucrânia tenha o equipamento de que precisa", disse Blinken.

Duas das maiores potências da Otan, França e Alemanha,

"Vamos nos certificar de que a Ucrânia tenha o equipamento de que precisa"

Antony Blinken
Secretário de Estado dos EUA

havam recentemente pedido que os EUA a tomassem essa decisão. Em discussões internas, Blinken também defendeu a autorização. O secretário de Estado está em Praga, em uma cúpula da aliança atlântica, e visitou a Ucrânia duas semanas atrás.

Outro que defendia uma revisão das restrições era o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg. Em entrevista recente à revista *The Economist*, ele afirmou que havia chegado a hora de os aliados repensarem a estratégia. "Especialmente agora, quando muitos dos combates estão ocorrendo em Kharkiv, perto da fronteira, negar à Ucrânia a possibilidade de usar essas armas contra alvos militares legítimos em território russo dificulta muito a defesa do país."

PENTÁGONO. A decisão tem o potencial de casar um efeito em cascata, com outros países seguindo o exemplo. Em visita a Kiev, no início do mês, o chanceler britânico, David Cameron, disse que a Ucrânia tem o direito de usar armas do Reino Unido para atingir alvos na Rússia.

De acordo com assessores do presidente americano, as diretrizes exatas sobre o que a Ucrânia poderá atacar serão determinadas pelo Pentágono. Além de artilharia e lançadores de mísseis, os ucranianos estão preocupados com a Força Aérea da Rússia lançando bombas em Kharkiv de dentro do espaço aéreo russo. Moscou vem usando bombas planadoras equipadas com aletas. Oficiais ucranianos querem atacar essas aeronaves antes de elas dispararem. ●

Eleição na África do Sul

Apuração parcial indica que partido de Mandela perderá maioria

JOHANNESBURGO

A apuração parcial dos votos das eleições na África do Sul indica que o Congresso Nacional Africano (CNA), que domina a política há 30 anos e tem o ex-presidente Nelson Mandela como o maior símbolo, não terá a maioria legislativa para eleger o novo presidente. Com 30% das urnas apuradas, o partido aparecia ontem com 42,5% dos votos.

Caso se confirme o resultado, o CNA será forçado a fazer alianças para continuar no poder. Uma vez formado o novo Parlamento, os deputados nomeiam o presidente em eleição indireta. A apuração deve

durar até o domingo. Antes das eleições, pesquisas indicavam que a chance do CNA precisar formar um governo de coalizão era grande, mas seus líderes mantinham a confiança em conquistar mais de 50% dos votos. Nas últimas eleições, em 2019, o partido obteve 57,5% dos votos.

OPOSIÇÃO. Os principais partidos de oposição ao CNA, o centrista Aliança Democrática e o esquerdista Combatentes da Liberdade Econômica, têm 25,1% e 9% dos votos apurados até ontem, respectivamente. Em seguida, está o Mkhonto we Sizwe ("Lança da Nação", em português) com 8,6% dos votos. ● AP

O MK é liderado pelo ex-presidente Jacob Zuma e foi criado por uma dissidência do CNA. Segundo especialistas, o partido é o principal responsável pela diminuição de votos do CNA nestas eleições.

Especialistas atribuem a dificuldade do CNA, no entanto, a uma frustração com a diminuição da capacidade do Estado de fornecer serviços básicos. O desemprego, que atinge uma taxa de 32%, considerada a mais alta do mundo, e a pobreza também são questões urgentes.

Outros problemas são a alta taxa de crimes violentos, escândalos de corrupção do governo ao longo dos anos e uma crise no fornecedor estatal de eletricidade, que levou a racionamentos em todo o país em intervalos regulares para economizar energia. Os apagões diminuíram antes da eleição, mas prejudicaram ainda mais uma economia já em dificuldades. ● AP

Guerra em Gaza

Israel assume controle da fronteira com Egito

TEL-AVIV

O Exército de Israel afirmou ontem que assumiu o controle total de um corredor estratégico de 14 quilômetros ao longo da fronteira de Gaza com o Egito. O objetivo é bloquear túneis de contrabando. O governo egípcio manteve silêncio e não reagiu à ocupação, que ameaça o acordo de paz entre os dois países, assinado no fim dos anos 70.

A captura do Corredor Philadelphi, no entanto, tem potencial para complicar as relações diplomáticas entre Israel e Egito, que já se queixou várias vezes do avanço israelense em direção à sua fronteira.

Em visita recente a Pequim, o presidente egípcio, Abdel Fattah al-Sisi, pediu o envio de

mais assistência humanitária para Gaza e reiterou a oposição do Egito a qualquer tentativa de forçar os palestinos a cruzar a fronteira com seu país.

OPOSIÇÃO. O primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, ganhou uma nova dor de cabeça ontem, após Benny Gantz, do partido centrista União Nacional, propor a realização de uma votação para a dissolução do Parlamento.

Gantz é um dos maiores opositores de Netanyahu, embora tenha aceitado fazer parte do gabinete de guerra. A proposta ocorre após uma pesquisa mostrar que Netanyahu supera Gantz numa eventual disputa eleitoral. O premiê reagiu enfurecido e afirmou que o pedido da oposição era "uma recompensa ao Hamas". ● AP e NYT